

Mulher, sociedade e religião: uma leitura do romance “Des rêves et des assassins”, de Malika Mokeddem

Francinaldo de Souza LIMA*
Hortência de Fátima Azevedo MORAIS**
Josilene PINHEIRO-MARIZ***

107

Resumo: Este trabalho tem como um de seus principais objetivos refletir sobre a importância da produção literária de escritoras cuja produção está ligada à escrita de si e analisar, em especial, o romance *Des rêves et des assassins*, de escritora magrebina Malika Mokeddem. Buscamos apresentar, em linhas gerais, como é retratada a mulher no âmbito da religião e da sociedade no lado oriental do Greenwich. Dentre os principais aspectos observados, destacamos a privação dos direitos e da mulher, contrariando-se os seus próprios desejos. Para esta leitura, discutiremos algumas questões que são retratadas no referido romance, que refletem essa realidade. Assim, analisaremos a partir do referido romance, o contexto histórico, colocando em destaque o lugar ocupado pela mulher em sociedades nas quais o extremismo religioso determinam comportamentos ditos mais “adequados”. Ainda nessa leitura, ressaltamos uma comparação com outras obras que também abordam a temática feminina no âmbito do Islã. Assim, notamos os pontos divergentes e os comuns que permitem traçar o retrato da mulher na sociedade islâmica a partir de um texto literário magrebino, escrito em língua francesa. Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental, uma vez que a nossa leitura é ancorada em pesquisas bibliográficas e leituras a respeito do tema em questão.

Palavras-chave: Mulher; Sociedade; Religião; Literatura Francófona.

WOMEN, SOCIETY AND RELIGION: A READING OF MALIKA MOKEDDEM’S NOVEL *DES RÊVES ET DES ASSASSINS*.

Abstract: This work has as one of its main objectives to reflect on the importance of the literary production of writers whose works are connected to the writing itself and examine in particular the novel *Des rêves et des assassins* written by the Maghrebian writer Malika Mokeddem. We seek to present, in general, a portrait of women in the realm of religion and society in the eastern side of Greenwich. Among the main findings observed we include the deprivation of women’s rights, which runs against their own wishes. For this reading, we will discuss some issues that are portrayed in that novel and reflect this reality. Thus, we will analyze the novel’s historical context, emphasizing the place occupied by women in societies where religious extremism determine what behavior is more “adequate”. We will also emphasize a comparison with other works that also address the female question in the Islam context. Thus, we will observe the divergent and common points that allow us to trace the profile of women in Islamic society from a Maghrebi literary text written in French. This work is the result of a bibliographical and documental research, since our reading is anchored in bibliographical research and readings on the theme in question.

*Estudante de Letras Português e Francês, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde também é bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Letras). francinaldodesouza@gmail.com

**Estudante de Letras Português e Francês, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde também é bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Letras). hortenciadefatima@hotmail.com.

***Professora de língua e literaturas de língua francesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da mesma instituição. Tutora do Programa de Educação Tutorial PET-Letras. jsmariz22@hotmail.com

Keywords : Women , Society , Religion , Francophone Literature .

1. Introdução

Nasci num lugar onde os rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar (YOUSAFZAI , 2013, p.21)

A história da jovem paquistanesa Malala Yousafzai (1997) que escreveu *Eu sou Malala* e tocou o mundo inteiro ao contar sobre a sua infância e a sua luta para estudar não é um fato novo em uma circunstância isolada da realidade do sul da Ásia. A história dessa menina que quase morreu em decorrência de um tiro dos talibãs poderia ser vista, até mesmo, como um eco de tantas e tantas outras histórias de meninas de alguns países da Ásia ou da África que não têm liberdade para ir à escola ou para fazer escolhas pessoais que lhes decidem o futuro, como o casamento.

Embora, atualmente, exista toda uma tecnologia de comunicações, pouco ainda se sabe sobre a vida das mulheres de muitos países do outro lado do Greenwich. No Brasil, em nossos dias, a história de Malala pareceria absurda, se não tivesse recebido tanta ênfase das mídias internacionais. Na verdade, não raras vezes, escuta-se sobre as mulheres, apenas sob a ótica de homens, sobretudo nos países em que as mulheres ainda precisam usar véu, ou por questões religiosas ou para não serem reconhecidas por outrem. Por certo, o cotidiano dessas mulheres não é percebido por uma ótica de quem já foi submetido ao sofrimento; por isso, em muitos casos, não é possível retratar de modo mais claro, posto que não são mulheres que falam; elas não têm nem voz, nem vez. São silenciadas!

Assim, quando nos deparamos com a literatura escrita por mulheres de alguns desses países como a Argélia, percebemos que não obstante a força masculina imperar na sociedade, parece existir, nesses espaços, mulheres que se levantam contra os obstáculos impostos pelas circunstâncias sociais. Considerando-se que a família é um dos âmbitos sociais nos quais a mulher tem menos voz, ela é calada em casa e emudecida na rua. No entanto, a literatura emerge desse espaço como o lugar de dar voz, como à jovem paquistanesa, posto que algumas mulheres ainda conseguem

expressão, quebrando o silêncio e, não raramente, conduzindo o leitor a um mundo totalmente novo.

Uma dessas mulheres cuja voz soa como um eco das vozes femininas da Argélia é autora Malika Mokeddem que, através de sua obra literária, expõe os sofrimentos e os dramas vividos por suas compatriotas expondo, portanto, uma escritura de força, na medida em que dá voz à mulher enquanto um ser oprimido naquela sociedade. Ressalte-se que esse caso, em especial, é um dos raros em que a voz da mulher é retratada pela própria mulher, como um ser subalterno (SPIVAK, 2010).

Nesse sentido, estas reflexões que seguem têm como um de seus principais objetivos apresentar a produção da escritora magrebina Malika Mokeddem, enquanto porta-voz da mulher. Para isso, daremos enfoque em um de seus romances que mais representam esse brado feminino como uma ilha cercada de comportamento imperativamente machista: *Des rêves et des assassins*¹.

Não deixaremos ponderar, entretanto, a respeito da importância socioeconômica e cultural da Argélia no âmbito do Maghrebe, considerando-se as suas particularidades como um país que está no centro do cruzamento de culturas distintas, fato que se completa, em uma história mais recente, com a presença francesa. Discutiremos ainda o papel fundamental da literatura escrita por mulheres que são designadas como verdadeiras porta-vozes daquelas que são oprimidas e cerceadas de sua liberdade em várias sociedades da África, tanto na subsaariana, quanto no Maghrebe² e no Machrech³, regiões que formam o norte daquele continente.

2. Situando a Argélia

¹ Romance ainda sem tradução para a língua portuguesa. Em uma tradução primeira, esse título corresponderia a *Sobre sonhos e assassinos*. Todas estas traduções foram feitas por Josilene Pinheiro-Mariz.

² Região localizada ao norte do continente africano, entre o deserto do Saara e o mar Mediterrâneo, reunindo o Marrocos, a Argélia e a Tunísia, e vista como *Petit Maghreb*. Destaque-se que outros países como a Líbia e a Mauritânia reúnem-se a esses países constituindo o *Grand Maghreb*. Essa região é considerada um caldeirão de efervescências culturais, uma vez que sofreu, ao longo de muitos séculos, influência mulçumana, fenícia, árabe e, mais recentemente, europeia. (PINHEIRO-MARIZ, 2011, p. 342).

³ Região também localizada ao norte do continente africano, ao lado do Maghrebe formado pela Síria, Iraque, Líbano e Jordânia. Originalmente, Maghrebe significaria Sol Poente, enquanto o Machrech, seria oposição: Sol Nascente.

Antes de adentrarmos na leitura da obra *Des rêves et des assassins*, propósito central deste artigo, faz-se necessário destacar aspectos histórico-culturais da Argélia, um país localizado ao norte do continente africano. Por ter sido colônia da França, a Argélia tem como uma das línguas oficiais o francês e, portanto, é considerado um país francófono. Pinheiro-Mariz (2011), em trabalho anterior, destacou a importância dessa região para a História da França, uma vez que países magrebins foram “colonizados”, sobretudo, no século XIX, por volta de 1830; e, especialmente com a “missão civilizadora” de Jules Ferry, que como ministro da educação do Governo Francês, instituiu o ensino obrigatório, laico e gratuito, modelo que permanece ainda hoje na França.

Na sua *mission civilisatrice*, Ferry, impôs uma ofensiva presença militar francesa em países africanos, como um caminho de fixar a língua francesa em terras distantes como uma “*mission éducatrice et civilisatrice qui appartient à la race supérieure*”⁴ (DE CARLO, 1998, p. 19). Ao mesmo tempo em que sofriam dominação de uma cultura “de raça superior”, os países africanos constituíam-se em uma área de grande importância econômica na exploração mineral. Após anos de sujeição, mesmo que arbitrariamente, somente diante de lutas, marca da região magrebina, a independência foi conquistada por volta dos anos de 1950, depois de longos anos de muitas revoltas e guerras.

Atualmente, a África do Norte passa por um momento delicado em sua vida política, tanto pela influência da religião islâmica nessa área (como é o caso da Argélia) como pelo próprio descontentamento da população com seus líderes. Tais constatações têm sido acompanhadas através dos meios de comunicação, como as manifestações contra o governo que ocorreram na Líbia e no Egito e que resultaram em mais conflitos, chegando a carecer da intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU).

Dentre as relações políticas mantidas naquela região do “Sol Poente” está a União do Magrebe Árabe, relação na qual, além de Argélia, Marrocos e Tunísia, participam também a Mauritânia e a Líbia. Economicamente, os países do Magrebe não têm o mesmo desenvolvimento que países europeus. A Argélia, por exemplo, é uma grande exportadora de petróleo, enquanto o Marrocos e a Tunísia apresentam uma economia baseada na diversidade.

⁴ “Missão educadora e civilizadora que pertence à raça superior”. (DE CARLO, 1998, p. 19).

Esse panorama econômico tem afetado a vida dos magrebinos, uma vez que a taxa de desemprego é elevada nesses países. Rodrigo de Rato, Diretor Geral do Fundo Monetário Internacional (FMI) diz que “O FMI concorda que a lentidão na abertura das economias do Maghrebe às mudanças e aos investimentos internacionais constitui um obstáculo importante à aceleração do crescimento e à redução do desemprego” (RATO, 2011, p. 4-7)⁵.

Repousando um pouco mais a nossa visão sobre a Argélia, é importante frisar que esse país, além dos problemas causados por anos de exploração francesa, sofre agora com um impasse institucional causado pelas revoltas políticas oriundas desde antes da sua independência em 1962. Em 19 de junho de 1965, explodiu uma revolução contra o líder Ben Bella, o que agravou ainda mais o momento político do país. O motivo da revolução encontra-se exposto na proclamação do Conselho da Revolução, cujos trechos estão transcritos abaixo:

[...] A 5 de julho [1962], a Argélia recuperava, enfim, sua liberdade e sua independência, ao preço do mais pesado tributo que a história já tinha registrado. A crise política que se seguiu, imediatamente, traduzia, de uma maneira violenta, as numerosas e inevitáveis contradições internas acumuladas durante oito anos de guerra. [...] Após três anos de soberania nacional, o país se acha abandonado às intrigas tramadas à sombra, ao choque entre tendências e clãs ressuscitados pelas necessidades de uma velha astúcia do Governo: dividir para reinar.

[...] POVO ARGELIANO, Os homens que decidiram, hoje, responder ao teu apelo aflito, persuadidos de, assim, traduzir teu desejo mais caro, tomaram a seu cargo a tarefa de te fazer recuperar tua liberdade usurpada e tua dignidade achincalhada – estava mesmo em tempo de situar o mal, de circunscrevê-lo e de denunciá-lo (CONSELHO DA REVOLUÇÃO, 2011).

Essas revoltas pela deposição de Ben Bella com a assunção de um novo líder, Boumediene e pela implantação do socialismo na Argélia perduraram por muitos anos com tamanha efervescência que mesmo as mulheres argelinas entraram no movimento. Assim, os movimentos feministas ganharam as ruas, cidades e o país como todo, quando buscavam lutar pelos direitos das mulheres e pela real igualdade de direitos. Segundo Godoy (2004), a mulher na Argélia dispõe de alguns direitos como de votar e

⁵ Tradução nossa do original: « Le FMI est d’avis que la lenteur de l’ouverture des économies du Maghreb aux échanges et aux investissements internationaux constitue un obstacle important à l’accélération de la croissance et à la réduction du chômage » .

ser votada e mesmo vivendo em um país muçulmano, o uso do véu parece ser facultativo, seguindo-se a Constituição do país que afirma que homens e mulheres são iguais.

No que concerne aos problemas vivenciados pela mulher argelina, estes se encontram, em especial, na esfera familiar. Godoy (*op. cit.*) argumenta que na Argélia existe o Código da Família que dita as regras do direito da família. Por esse código, a mulher deve dividir a herança do marido com os cunhados, quando esta ficar viúva, além de se contentar em ter apenas um marido, enquanto ele pode ter até quatro esposas.

Mas, não é só nas lutas sociais que as mulheres argelinas se destacam: felizmente elas também estão presentes na arte da escritura. Além de Malika Mokeddem, pode-se citar ainda outras grandes escritoras que produzem literatura em língua francesa como Leïla Sebbar, autora de romances como *La jeune fille au balcon*; Nina Bouraoui, autora de *Avant les hommes* e Leïla Marouane, com seu romance *La vie sexuelle d'un islamiste à Paris*, apenas para citar algumas. É, portanto, por intermédio da literatura que podem ser ouvidas as vozes múltiplas, vozes que são insistentemente silenciadas em muitos países. A exemplo do contexto da Argélia, há esse silêncio histórico na literatura como certo esquecimento da história e da identidade feminina e é, naturalmente, por isso, que “l’écriture devient pour elles, tout naturellement, un moyen de survie existentielle⁶” (NAHLOVSKY, 2010, apud, PINHEIRO-MARIZ; BLONDEAU, 2012, p.147).

Nesse sentido, este trabalho ressalta o romance *Des rêves et des assassins*, da argelina Malika Mokedden, como um desses importantes veículos de grande impacto social, representado pelo seu papel de porta-voz das mulheres maghrebins em suas lutas por uma real igualdade de direitos.

3. Malika Mokedden uma escritora *des rêves et des assassins: a vol d'oiseau*

Para melhor situar esta escritora tão pouco conhecida no Brasil, cabe-nos colocar em destaque a sua obra, bem como alguns dados de sua biografia. Mokeddem (05.10.1949, Kenadsa, Argélia) formou-se em medicina, dedicando-se a nefrologia,

⁶ “A escrita torna-se, para elas, muito naturalmente, um meio de sobrevivência existencial.” (NAHLOVSKY, 2010, p.13)

especialidade médica responsável pelo diagnóstico e tratamentos clínicos de problemas urológicos. Na sua vida, a literatura e a produção escrita passou a ter maior espaço a partir de 1985. Entre suas principais obras, pode-se citar *Les hommes qui marchent* (1990), *Le Siècle des Sauterelles* (1992), *L'Interdite* (1993), *N'zid* (2001), *La transe des insoumis* (2003), *Mes hommes* (2005) e a mais recente é *Je dois tout à ton oubli* (2008). *Des rêves et des assassins* é o seu quarto romance e foi publicado em 1995.

O romance narra a história de Kenza, uma argelina que, sufocada pelo extremismo islâmico da sociedade em que vive (representada principalmente em sua família), se vê obrigada a abandonar seu país e partir para a França, uma decisão que parece ser a única solução possível; mas, ao mesmo tempo, a deixa com um incurável vazio emocional.

Ao longo de sua narrativa, o leitor toma conhecimento pela narradora – Kenza, já adulta - que a sua mãe foge de casa quando a pequena tinha menos de um ano de idade. A menina é abandonada com o pai que é descrito pela narradora como um açougueiro repugnante e maníaco sexual. Sob a ótica da filha, que não poucas vezes o flagrava com a mulher do vizinho e que sabia de seus casos com clientes do açougue e outras mulheres, o pai representa, de forma caricatural, toda a hipocrisia dos opressores religiosos. Era uma pessoa doente e de comportamento doentio, que via as mulheres como se fossem pedaços de carne a serem devorados, em uma clara analogia à sua profissão. Para esse açougueiro, até o ato de cortar um carneiro adquiria a conotação sexual, segundo descrição da narradora.

Quant à mon père, sa voracité sexuelle ne pouvait s'embarrasser de légitimité. La polygamie n'était pour lui qu'une restriction.
[...] Son obsession s'est trouvé une activité et un cadre idéals: la boucherie. Entre les carcasses suspendues des bêtes, dans des nuées de mouches et l'odeur du sang, il est à son aise [...]
[...] Les femmes ne sont que ça pour lui: de la viande⁷.
(MOKEDDEM, 1995, p.11; 12)

A oposição entre os excessos do pai e o vazio deixado pela mãe ausente criou um ambiente que Kenza jamais poderia reconhecer aquela que era a sua casa, como lar.

⁷ Quanto ao meu pai, sua voracidade sexual não podia se tolher de legitimidade. A poligamia, para ele, era apenas uma restrição.

[...] Sua obsessão encontrou uma atividade e um quadro ideais: o açougue. Entre as carcaças dos animais, suspensas em nuvens de moscas, e o odor do sangue, ele fica à vontade [...]

[...] As mulheres são apenas isso pra ele: carne⁷. (MOKEDDEM, 1995, p.11; 12)

Cada vez mais ela se fechava em seus estudos e nas leituras, criando uma sólida barreira de falta de comunicação com sua família e passava até mesmo os fins de semana na sua escola. Nos períodos sem aula, quando não era mandada pelo pai à casa do tio, no deserto, conseguia obter trabalho temporário para, então, comprar livros e passar o maior tempo possível fora de casa.

No decorrer da história, cada vez mais, Kenza se vê sufocada pela sociedade e pela família, sem conseguir encontrar um lugar ao qual pudesse finalmente pertencer por completo e, dessa forma, uma a uma, suas expectativas foram despedaçadas e seus refúgios extirpados, deixando-a sem alternativa. Mesmo o seu encanto pelo ambiente escolar, o seu primeiro refúgio, tem fim quando ela percebe que suas colegas eram levadas ao casamento forçado e não tinham força suficiente para recusar a situação. Do mesmo modo, ela se apercebe que nem mesmo a educação escolar seria capaz de criar novos homens, isto é, homens que respeitassem as mulheres. Lamine, o homem que amava e que dizia amá-la também, cede, igualmente, às pressões de sua família e casa-se, inexplicavelmente, com uma prima. Sem nenhuma alternativa, a única saída para a protagonista é mesma anteriormente tomada por sua mãe: a fuga. Ela busca abrigo em Marseille, na França, procurando curar-se por dentro de tantas feridas deixadas ao longo de sua vida. Contudo, embora a procura pela cura dure algum tempo, as cicatrizes são muito difíceis de serem apagadas e, por isso, a acompanharão até o momento em que ela decide afastar-se mais ainda da sua própria História. Com esse intento, ela decide que deve ir mais distante, tentando encontrar no Canadá cura para as feridas que continuarão a acompanhá-la.

3.1 Malika Mokeddem uma mulher “*sans frontières et sans interdit*”

Em uma entrevista concedida a Yolande Helm em junho de 1998, Mokeddem afirma ser uma mulher sem fronteiras nem tabus: “*Je suis une femme sans frontières et sans interdit*⁸” (HELM, 2001). Na realidade, essa afirmação parece estar ligada a um perfil descrito pela maioria das suas personagens, o que sinaliza um conjunto da obra com fortes características de autobiografia. Da mesma maneira que em *Des rêves et des assassins*, os outros romances de Malika Mokeddem centram-se na construção de um

⁸ “Uma mulher sem fronteiras e sem interdições” (HELM, 2001).

retrato das condições femininas na Argélia, baseando-se, de modo muito especial, nas experiências da autora e destacando semelhanças entre as heroínas e sua criadora, bem como entre as próprias histórias.

Essa escritora argelina herdou de sua avó, uma nômade contadora de histórias, que se tornou posteriormente sedentária, a tradição oral árabe dos nômades, forte traço que permeia seus romances e influencia densamente a sua escrita. Em *Des revêts et des Assassins*, Kenza era enviada para o deserto sempre que seu pai decidia livrar-se dela. A personagem descrevia esse lugar como um mundo de sonho, onde tudo parecia flutuar e mover-se lentamente na vastidão do deserto.

Dans ce monde qui ressemble à un songe, les gens se déplacent lentement. Avec de grands mouvements. Comme s'ils flottaient. [...] Moi, je me tenais immobile debout au pied d'un palmier. Je le regardais. De mes séjours au Sahara, il me reste ces souvenirs: un peuple au geste amples, ralenti par les poids du silence et la démesure des horizons [...] (MOKEDDEM, 1995, p. 14).⁹

Nesse sentido, não seria excessiva a afirmação de que a obra de Mokeddem atende aos atributos de uma obra autobiográfica, uma vez que em seu romance *Les Hommes qui marchent* o primeiro da autora, a protagonista Leïla é neta de uma contadora de histórias nômade forçada a viver em sedentarismo no fim de sua vida. Nesse mesmo sentido e em outro romance, "*L'interdite*", observa-se a presença do ambiente árido e desértico, local de habitação de Sultana, a protagonista.

Portanto, a influência da tradição oral nômade é apenas um dos pontos que liga os romances de Mokeddem. Nas três obras mencionadas, as heroínas são mulheres de origem humilde, com alguma ligação familiar ou descendência direta de povos nômades e também são pressionadas ao ponto de deixarem seus países em busca de um lugar onde pudessem viver longe das amarras do fanatismo religioso muçulmano, fato que também reflete as experiências da própria autora.

Outro ponto em comum entre as obras da autora é a inesgotável busca das protagonistas, por um refúgio nos estudos e na literatura. É possível, por exemplo, notar

⁹ “Nesse mundo que parece um sonho, as pessoas se movimentam lentamente. Com grandes movimentos. Como se eles flutuassem! [...] Eu, eu me mantinha imóvel ao pé de uma palmeira. Eu o olhava [...]. De meus dias no Sahara, resta-me apenas essas lembranças: um povo de gestos amplos, lentos pelos pesos do silêncio e da desmedida dos horizontes... (MOKEDDEM, 1995, p. 14).

a semelhança na descrição deste excerto de *Les Hommes qui marchent* com o que será analisado mais adiante em *Des rêves et des Assassins*:

L'école, le savoir lui ouvraient une échappée, jusqu'alors insoupçonnée dans l'impasse des fatalités féminines. Ils l'avaient arrachée à un destin mayenâgeux pour la précipiter, seule, en plein milieu du XX^{ème} siècle. (MOKEDDEM, 1990, p.13)

Assim, percebemos pela interposição de suas próprias experiências que Malika Mokeddem institui, com suas várias personagens, um coro que grita a dor que o extremismo religioso causa às mulheres muçulmanas que clamam por liberdade. Por essa razão, ela pode, de fato, ser vista com uma mulher corajosa, logo, sem tabus e sem fronteiras, como afirmou na entrevista à Helm (2001). Da obra literária de Mokeddem procede um clamor da mulher argelina presa às tradições e que procura encontrar o seu lugar na sociedade.

4. Uma leitura de *Des rêves et des assassins*

Para iniciarmos a nossa leitura do romance a partir de um excerto, transcrevemos, a seguir, o trecho do romance que sustenta as nossas reflexões:

La plupart des filles, nées comme moi à l'Indépendance, furent prénommées Houria : Liberté; Nacira : Victoire; Djamilia : la Belle, référence aux Djamilia héroïnes de la guerre... Moi, on m'appela KENZA : Trésor. Quelle ironie! Des trésors de la vie, je n'en avais aucun. Pas même l'affection due à l'enfance. Ce prénom me sied aussi peu que ceux appliqués aux Liberté entravées, aux Victoire asservies et aux héroïnes bafouées. Très tôt, je me suis rendu compte de ce paradoxe. Et très tôt aussi, j'ai su que ce n'était ni par sadisme ni par cynisme qu'on nous attribuait ces prénoms. L'ignorance méconnaît ses propres perversions.

Peut-être aurions-nous su d'emblée à quoi nous en tenir avec des prénoms tels que : Méprisée, Indésirable, Mal-Aimée... et Ruine pour Trésor.

L'école, seule échappée. Apprendre la langue de l'autre, premiers pas vers la singularité. Vers une solitude de plus en plus profonde. Et, à chaque rentrée des classes, je découvrais que des pères avaient retiré des Houria, des Nacira et des Djamilia de

l'école pour les marier, de force. J'aurais dû me méfier! Je n'aurais jamais dû croire que cet immense rêve collectif de liberté, qui embrasait tout le monde, allait contribuer à forger des hommes différents. Il portait déjà en lui ses discriminations. Des pères qui brisent l'avenir de leurs propres filles sont capables d'enchaîner toutes des libertés.

Quelque chose était déjà détraquée dans le pays, dès l'Indépendance. Mais ça, je ne le savais pas encore.” (MOKEDDEM, 1995, p. 20 ; 21)¹⁰

A partir desse excerto, é possível observar algumas das principais características desse romance. Situando o fragmento do texto, trata-se do final do primeiro capítulo do livro, no qual há uma descrição rápida da infância e da adolescência de Kenza. Nele, a personagem reflete a respeito da ironia que parecem ser subjacentes aos nomes próprios de suas colegas muçulmanas, bem como no seu próprio nome, frente à real situação de sua vida e de suas compatriotas. Nessa passagem, a narradora cita alguns dos nomes comuns de meninas nascidas no período da Independência da Argélia e seus significados: Houria: liberdade; Nacira: vitória; Djamila: a bela, como referência às heroínas de guerra assim nomeadas e seu próprio nome, Kenza que significaria tesouro.

A narradora/personagem caracteriza esses nomes próprios como contendo algum tom de ironia, pois representariam principalmente aquilo que é constantemente privado das mulheres da Argélia e, em uma representação máxima, de Kenza: a liberdade, a vitória, a beleza e os tesouros da vida. A narradora ainda sugere nomes que seriam, sob a sua ótica, mais adequados: *Meprisée*: Desprezada; *Indésirable*: Indesejada; *Mal-Aimée*: Mal-amada e *Ruine*: Ruína. Para ela, esses nomes representariam de maneira mais adequada as mulheres da Argélia, considerando-se a forma como elas são tratadas por suas famílias, pelos homens e, de um modo geral, pela sociedade daquele país.

¹⁰ Na sua maioria, as meninas nascidas, como eu, no período da Independência foram chamadas: Houria: Liberdade; Nacira: Vitória; Djamila: Bela, referência às Djamilas, heroínas da guerra. À mim, chamaram-me Kenza: Tesouro. Que ironia! De tesouros da vida, eu não tinha nenhum. Nem mesmo a afeição devida à infância. Esse nome me cai tanto quanto os aplicados às Liberdades entravadas, às Vitórias dominadas e às heroínas menosprezadas. Muito cedo, eu me dei conta desse paradoxo. E muito cedo também eu soube que não era nem por sadismo, nem por cinismo que nos atribuíam esses nomes. A ignorância desconhece suas próprias perversões. Talvez tivéssemos sabido, imediatamente, o que se guarda com esses nomes como: Desprezada, Indesejada, Mal-Amada... e Ruína por tesouro.

A escola, único escape. Aprender a língua do outro, primeiro passo para a singularidade. Para uma solidão cada vez mais profunda. E a cada volta às aulas, eu descobria que pais tinham retirado as Hourias, as Naciras e as Djamilas da escola para casá-las à força. Eu deveria ter desconfiado! Eu não deveria jamais ter acreditado que esse imenso sonho coletivo de liberdade, que queimava todo mundo iria contribuir para forjar homens diferentes. Eles já traziam com eles suas discriminações. Pais que quebram o futuro de suas próprias filhas são capazes de acorrentar todas as liberdades.

Alguma coisa já estava desequilibrada no país, desde a Independência. Mas, isso eu não sabia ainda. (MOKEDDEM, 1995, 21 ; 22).

Levando-se em conta o fato dessas mulheres serem privadas da liberdade de escolha, sendo conduzidas a casamentos forçados, assim como outras formas de privação da liberdade, é muito provável que os nomes sugeridos por Kenza fossem, de fato, mais “convenientes” à realidade das mulheres argelinas.

Outro ponto que podemos observar no excerto em destaque é o casamento forçado como uma das principais formas de repressão da mulher nas sociedades de extremismo religioso islâmico. A autora afirma que, a cada volta às aulas, descobria que as Djamilas, Naciras e Hourias, as colegas da escola, e do sonho de liberdade, estavam sendo retiradas do colégio para se casarem à força. O casamento forçado é, certamente, bem acentuado naquela sociedade, pois também marca dois outros pontos principais na vida da narradora: o casamento forçado entre sua mãe e seu pai e o casamento forçado de Lamine, que contrai matrimônio com uma prima por pressão familiar e por quem ela era apaixonada. A autora retrata no texto que, além de destruir vidas antes mesmo do nascimento, o casamento forçado tira das mulheres argelinas o que, talvez, seria sua única chance de se libertar dessa sociedade: os estudos, como um constante escape: « *L'école, seule échappée. Apprendre la langue de l'autre, premiers pas vers la singularité*¹¹ ». (MOKEDDEM, *op. cit.*, p. 22)

Outra característica presente nesse excerto que representa de modo singular o enredo do romance é a perda de expectativas, a desilusão da personagem com vários aspectos da sociedade na qual poderia encontrar refúgio, dentre eles, a escola, o estudo. Segundo a personagem, o colégio não pode servir como instrumento de libertação porque já traz em si mesmo suas discriminações, afirmação diretamente ligada à forma como se inicia o capítulo do livro em que se encontra o trecho “*Quelque chose était déjà détraqué dans ma famille*¹²” e forma como o mesmo capítulo termina “*Quelque chose était déjà détraqué dans le pays*¹³”, mostrando mais uma vez que a autora se utiliza do contexto da família de Kenza para recriar o ambiente da sociedade argelina como um todo.

Apesar de tudo, a protagonista demonstra acreditar que a ironia de sua situação não foi proposital, como se pode depreender da frase: *Et très tôt aussi, j'ai su que ce*

¹¹ A escola, único escape. Aprender a língua do outro, primeiro passo para a singularidade. (MOKEDDEM, *op. cit.*, p. 22).

¹² Alguma coisa já estava desequilibrada na minha casa. (MOKEDDEM, *op. cit.*, p. 22).

¹³ Alguma coisa já estava desequilibrada no país. (MOKEDDEM, *op. cit.*, p. 22).

*n'était ni par sadisme ni par cynisme qu'on nous attribuait ces prénoms*¹⁴. Isso pode significar que sob a perspectiva dos homens muçulmanos, realmente, não haveria nada de errado com as mulheres da Argélia. Mas, pode ainda ser uma referência ao fato de que, para os revolucionários que deram esses nomes às suas filhas, o renascimento de uma sociedade conservadora das leis do Islã fosse realmente uma vitória para suas filhas, um tesouro e uma garantia de liberdade.

5. Mulher, sociedade e religião: prolongamentos.

O retrato da mulher muçulmana tecido por Malika Mokeddem não diverge daquele apresentado por outras autoras de origem muçulmana em outros países onde o extremismo religioso é comum. Na Argélia, no Paquistão, no Irã, na Somália ou qualquer outro país muçulmano, essas autoras levantam-se como porta-vozes daquelas a quem a sociedade, como regra geral, não tem dado vez para falar.

É possível notar a fidelidade e a atualidade desse retrato quando se compara a obra a outras, baseadas em fatos reais, como nos livros autobiográficos da paquistanesa Malala Yousafzai: *Eu sou Malala*; da somali Ayaan Hirsi Ali: *Infidel* e também em *Lendo Lolita em Teerã*, da iraniana Azar Nafisi. Suas autoras são mulheres cuja história tem vários pontos em comum e todas elas são mensageiras e por isso decidiram não mais se calar frente ao que a mulher muçulmana enfrenta no seu cotidiano. Analisando essas obras, não é difícil constatar que, mesmo em ambientes e criações tão diferentes, muitas dessas histórias são tão semelhantes, que por vezes, parecem ser a mesma.

O romance *Lendo Lolita em Teerã* narra as experiências de leituras da autora Azar Nafisi, ex-professora da Universidade de Teerã, no Irã, em um grupo clandestino formado pela professora e por um grupo de alunas da universidade. A narrativa relata que somente na clandestinidade essa professora poderia ler e analisar obras censuradas pelo regime que ocupava o poder e proibia alguns tipos de leitura, sobretudo às mulheres. Sob o olhar de uma mulher vivendo em meio à elite intelectual do país, longe de todo o contexto desértico na Argélia de Mokeddem, Nafisi mostra que a opressão religiosa, nesse caso vem também unida à política e tem tornado a vida mais difícil e

¹⁴ E muito cedo também eu soube que não era nem por sadismo nem por cinismo que nos atribuíam esses nomes (MOKEDDEM, *op. cit.*, p.20).

dolorosa para as mulheres muçulmanas até mesmo no meio universitário, espaço no qual se acredita ser de liberdade de expressão.

Enquanto as personagens de Malika Mokeddem sofriam a decepção de não encontrarem no ensino uma esperança de mudança na sociedade, Nafisi e suas alunas parecem presenciar o sonho de Kenza se esvanecendo, com o sistema de ensino das universidades sendo subjugado pelo governo, o qual põe uma verdadeira venda intelectual em alunos e professores, para que esses enxerguem somente uma verdade, a sua: o Islã. Mokeddem e Kenza sofrem a ausência de uma liberdade que nunca tiveram; Nafisi e suas alunas veem a sua sendo tomada aos poucos.

As duas autoras, Malika (representada por Kenza) e Nafisi, buscam na literatura e no conhecimento o escape para seus próprios pesadelos e veem-se forçadas a escrever de fora dos seus países para que o mundo não mais feche os olhos para o que mulheres, como elas, têm vivido.

Em um contexto diferente, encontramos também Ayaan Hirsi Ali que nasceu na Somália (13.04.1969). Assim como Mokeddem, cresceu sobre a influência de uma vó nômade que foi obrigada pelas circunstâncias a tornar-se sedentária; mas, a sua história diverge grandemente de Kenza, Sultana (KHALDIA, 2012), Leïla, personagem de *Les hommes qui marchent* e outras personagens de origem nômade em um aspecto: enquanto para essas últimas o deserto era sinônimo da vastidão e da liberdade de outros tempos, para Ali esse espaço é um símbolo de repressão e medo, onde a qualquer momento poderia ser atacada e desonrada por homens ou morta por malignas criaturas mágicas das histórias de sua avó.

Ao contrário de Mokeddem e Nafisi e refletindo a condição socioeconômica da Somália até os dias de hoje, Ali não contava, desde o princípio, com nada que pudesse buscar como escape. Logo, sua única opção foi ceder e tornar-se, ela mesma, uma fundamentalista islâmica, condição em que continuou por boa parte de sua juventude. A ausência do pai, resultante de seu envolvimento em atividades políticas e, posteriormente, do abandono da família, criaram uma esposa amargurada que vertia todo seu ressentimento nos filhos. A autora viveu como refugiada política na Arábia Saudita, na Etiópia, no Quênia e abandonou definitivamente o Islã, na Holanda e nos Estados Unidos, escondendo-se de sua família e dos radicais islâmicos que a juraram de morte pela produção do curta-metragem *Submission: part 1*.

Ainda, a despeito de contextos familiares, políticos, sociais e econômicos totalmente diferentes, Malala Yousafzai, Ayaan Hirsi Ali, Malika Mokeddem e Azar Nafisi compartilham vários outros aspectos de sua vida cercada pelo Islã. As três encontraram no conhecimento, na literatura e no estudo, em épocas diferentes de suas vidas, uma forma de libertar-se das amarras da sociedade e recuperar aquilo que lhes foi tomado: a liberdade para pensar, agir e escolher. Todas, enquanto permaneciam em seus próprios países, jamais tiveram ocasião para falar e representar seus iguais e somente em exílio (forçado, voluntário ou clandestino) puderam expor ao mundo, através da literatura baseada em suas próprias experiências, aquilo que as mulheres muçulmanas tem sofrido caladas.

Entre as opiniões das autoras quanto ao Islã, há divergências. Malika Mokeddem sabia que mesmo antes da independência de seu país e do chamado “Renascimento Islâmico” já havia problemas: a discriminação já estava lá e aguardava apenas um pretexto para atacar, disfarçada de religião. Azar Nafisi entendia que o erro não era o Islã, mas a forma como o governo distorcia os conceitos religiosos visando a seus próprios interesses e a tentativa de obrigar as pessoas a viverem crenças que não eram suas. Ayaan Hirsi Ali não apresenta a mesma tolerância: para ela, o mal é o próprio Islã, que aprisiona o povo desses países e que não deve mais ser tolerado. Expressar essa opinião trouxe diversas consequências que vão desde o rompimento com a família, passando pelo abandono de seu país natal e, em casos extremos como Ali, ao assassinato de amigos e ameaças de morte.

6. Considerações finais

Essas reflexões a respeito da importância das escritoras do lado oriental do Greenwich se configuram como um necessário espaço para se conhecer e ler a produção literária que não figura nos primeiros lugares de rankings de livros mais vendidos nas livrarias em todo o mundo. À exceção de Malala, que ganhou repercussão internacional, na sua maioria, a produção de mulheres ainda ocupa um lugar deveras tímido entre produções literárias em todo mundo.

De fato, o espaço que é dado à presença da mulher na literatura tem, nos dias hoje, mais notoriedade que em anos passados. Isso faz dela não unicamente um dócil

personagem de uma poética romântica, mas mostra o quanto a sua força é essencial para que sejam provocadas mudanças nas sociedades.

Na literatura brasileira não é tão comum essas vozes que buscam seu espaço. Os problemas com e/ ou contra a mulher estão em outra ordem. Mas, em outras sociedades, quando lhe é dado esse espaço, a mulher escritora toma esse lugar e o ocupa de modo a fazer diferença, incitando reais transformações. Esse é o caso das escritoras citadas neste trabalho.

Ainda hoje, questões religiosas permanecem fundamentando comportamentos e moldando personalidades, mesmo que contrariando liberdades e quebrando sonhos coletivos. Felizmente, há mulheres que estão dispostas a correr todos os riscos para apresentar ao mundo esses comportamentos que, quase sempre estão ligados à religião. Mas, tão importante quanto a existência de uma voz é a disposição para ouvir o que tem a ser dito e, enquanto essa situação for ignorada, nada mudará.

Des rêves et des assassins, bem como as outras obras da autora Malika Mokeddem, confirmam-se como obras de ficção mas que não destoam dos relatos das Hourias, Naciras e Djamilas da vida real. Mokeddem, bem como outras autoras de diáspora dá voz à mulher em uma sociedade na qual não é possível se ouvir a voz feminina.

Este trabalho encontra um espaço de grande relevância na medida em que permite que se divulgue mais uma obra de características autobiográficas de mulheres e sobre elas, sendo enfocada, nestas reflexões, uma escritora do norte da África. Também é importante que se ressalte que se trata de uma escritora francófona; isto é, uma mulher magrebina da Argélia, um país que tem, no seu histórico, uma relação por assim dizer, delicada, com a França e nessa relação subjazem conflitos políticos bastante intensos.

Portanto, fazer conhecer e propagar a produção literária tanto de mulheres que escrevem em francês, como língua “janela” (para o mundo), quanto que produzem uma escrita de si refletindo comportamentos de uma sociedade é um caminho significativamente necessário para se abrir um espaço que é tão importante para se dar voz a quem não tem vez.

Entendemos ainda que são considerações como esta que podem responder à questão de Spivak (2010), pois assim, damos fala àquela que foi e, em muitos casos,

ainda é subalternizada de maneira imposta e sem espaço para discussão ou argumentação contrária às normas pré-estabelecidas.

7. Referências

ALI, Ayaan Hirsi. *Infidel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALI, Ayaan Hirsi. *Biography of Malika Mokeddem*. Disponível em < www.africansuccess.org/VisuFiche.php?id=548&lang=en > acesso em 24/06/2011

DE CARLO, M. *L'Interculturel*. CLÉ International: Paris, 1998.

GODOY, Ivan. *Entrevista com Ivan Godoy*. Argélia: tradição e modernidade. In: Revista Espaço Acadêmico, nº38, julho de 2004. Disponível em <<http://criticaehistoria.blogspot.com/2011/02/argelia-tradicao-e-modernidade-livro-de.html> > acesso em 04/03/2013

HELM, Yolande. Malika Mokeddem: A New and Resonant Voice in Francophone Algerian Literature. In: MORTIMER, Mildred. *Maghrebian Mosaic: a literature in transition*. Boulder: Layne Rienner, 2001. P. 195-211.

KHALDIA, Belkheir. La Quête D'une Identité Chez Malika Mokeddem (Une revendication identitaire anti-conformiste et individuelle) *Jordan Journal of Modern Languages and Literature* Vol. 4, No.2, 2012, pp.99-110.

LABIDI, Zineb. *Argélia no feminino: a palavra-mulher*. Tradução de Tania Navarro Swain. Disponível em < <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/zineb1.htm> > acesso em 17/05/2011.

MOKEDDEM, Malika. *Des rêves et des assassins*. Paris: Grasset, 1995.

MOKEDDEM, Malika. *Les hommes qui marchent*. Paris: Graseet, 1990.

NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã: Memórias de uma resistência literária*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Da necessidade de uma “Literatura-Mundo” no ensino do francês no Brasil. *Revista Letras*, n. 42. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, janeiro/julho de 2011. p. 342-361.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene; BLONDEAU, Nicole. Há uma voz feminina nos mares e nos continentes de língua francesa. *Revista Pontos de Interrogação*, n. 1. Universidade do estado da Bahia. Alagoinhas. 2012. p. 136-155

POERNER, Arthur José. *Argélia: caminho da independência*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1966.

RATO, Rodrigo de. *Intégration économique au Magheb: sur le chemin de la prospérité*. Editorial. Fonds Monétaire International. Disponível em < <http://www.imf.org/external/np/vc/2005/061505f.htm> >acesso em 22/06/2011

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

YOUSAFZAI, Malala, LAMB, Christiana. *Eu sou Malala*. Tradução de George Schlesinger; Luciano Vieira Machado; Denise Bottmann e Caroline Chang. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.